

## **Raízes Antropofágicas: labirintos e paradoxos na constituição formativa do modernismo brasileiro<sup>1</sup>**

Raízes e labirintos da formatividade na Arte Brasileira<sup>2</sup>

Marta Lucia Pereira Martins Lindote<sup>3</sup>, Francine Regis Goudel<sup>4</sup>,  
Muriel Bombana Garcez<sup>5</sup>

**Palavras-chave:** Antropofagia brasileira, Semana de 22, Raízes do Brasil, Vanguardas brasileiras.

**Resumo:** O texto configura-se em uma análise reflexiva de bibliografias sugeridas, abordando desde a colonização a introdução da arte no Brasil, passando pelo primeiro modernismo paulistano de 22, seguido pelas vanguardas, incluindo esse reflexo no contexto da produção de arte contemporânea no país. O enfoque é dado principalmente nos fenômenos *Antropofágicos*, relacionando concomitantemente a Antropofagia ritual *Tupinambá* do Brasil Colônia à Antropofagia da Semana de 22.

O modernismo brasileiro que se instaura a partir da *Semana de Arte Moderna* em 1922 é um tópico cultural com relação ao passado colonial e ao futuro da globalização. Neste contexto ainda prolifera um modelo de irreverência que sustenta um regime ético e estético como modo estratégico de inserção cultural dentro e fora do país.

A constituição formativa do modernismo brasileiro além de resgatar um vínculo com o passado colonial e buscar uma forma vanguardista, ao formular um projeto de construção de identidade brasileira, cria a problemática da *Antropofagia* cultural no conceito oriundo das idéias manifestadas pelo poeta e ensaísta *Oswald de Andrade*, desenvolvidas nas décadas de 20 e 30. Tal conceito auxilia no entendimento de um momento cultural onde os artistas e intelectuais brasileiros estão focados em dois problemas: por um lado, uma apreensão das formas de ruptura com a tradição

<sup>1</sup>Projeto de Pesquisa DAP / CEART / UDESC.

<sup>2</sup>Artigo de Pesquisa produzido por Francine Regis Goudel.

<sup>3</sup>Orientadora, Professora do Departamento de Artes Plásticas – Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC - Av. Madre Benvenutta, 1907. Itacorubi – CEP 88.035-001 Florianópolis – SC.

<sup>4</sup>Acadêmica do curso de Artes Plásticas com habilitação em Licenciatura – DAP / UDESC, bolsista de iniciação científica do PROBIC / CNPq.

<sup>5</sup>Acadêmica do curso de Artes Plásticas com habilitação em Bacharelado – DAP / UDESC, bolsista de iniciação científica do PROBIC / CNPq.

acadêmica proveniente das vanguardas européias instauradas em nosso meio no início do século XX, com o propósito radical de repensar o problema da representação e do caráter ilusionístico das artes plásticas; e por outro lado, a antropofagia cultural volta-se para uma apreensão da cultura popular do nosso próprio país utilizando-a como temática, o que se encontra estritamente relacionado ao projeto estético de uma arte à brasileira. Juntamente com esse novo pensamento artístico vem a notória vontade e afirmação dos modernistas em passar a idéia aos representantes da arte no momento, com certo caráter pedagógico, correlativo com a intenção de difundir para o público espectador. Assim os modernistas adotam meios de disseminação dos seus conceitos, publicando manifestos e textos, como modo de entendimento direto a quem os assistia<sup>6</sup>.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses. [...] Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro. [...] Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas. [...] Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti. (Trecho do *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade)

A busca pela nacionalidade e por um caráter único de assimilação e repulsa que gostariam de promover os modernistas, com relação ao que era produzido na Europa, tem suas concepções criadas a partir do entendimento de escritos épicos como o do viajante alemão *Hans Staden*. Ele vem ao Brasil no século XVI e é capturado pela tribo indígena dos *Tupinambá*, com sorte, consegue voltar à terra natal e escreve um livro dedicado ao príncipe H. Philisen, contando sua trajetória no país ermo e como quase fez parte de um ritual *Antropofágico*.

Quando eu ia indo pelo mato, ouvi dos dois lados do caminho uma grande gritaria, como costumam fazer os selvagens, e avançando para o meu lado. Reconheci então que me tinham cercado [...] Eu orava e esperava o golpe; porém, o rei, que me queria possuir, disse que desejava levar-me vivo para casa, para que as mulheres me vissem e se divertissem à minha custa, depois do que matar-me-ia e *Kawewi pepicke\**, isto é, queriam fabricar a sua bebida, reunir-se para uma festa e me devorar conjuntamente. (STADEN, 1557, pp.68 - 70)

Sabe-se que esse ritual faz parte da idéia de apropriação do outro; um “comer” o inimigo para dele abastar-se, um assimilar o outro para dele aproveitar o que há de bom. Nesse sentido, os modernistas foram vorazes em suas traduções da cultura prima

<sup>6</sup> Modo também de assimilação bem européia, pois a publicação de manifestos e textos foi à maneira encontrada pelas vanguardas estrangeiras para tal disseminação de seus ideais.  
DAPesquisa, Florianópolis, v.2, n.4, p. 229-233, 2007.

brasileira e citam em seus manifestos vanguardistas a força dessa assimilação do que vem de “fora”, no sentido de absorvê-la e recria-la, não na acepção de “engoli-la” e reproduzi-la. Era essa a idéia que gostariam de embutir no país, essa “nova” maneira do fazer artístico; era a concepção de encarar, conhecer e recriar que gostariam que se mantivesse nos trabalhos produzidos por quem representava a cena modernista brasileira em arte, literatura, música, etc.

Nessa busca da criação de uma identidade para esse país que se reinventa, alguns escritores desenvolveram obras para discutir sobre o Brasil ainda não pensado; o ensaio poético: *O Brasil não é longe daqui* (1955), de *Flora Sussekind*, traça entre devaneios literários e relatos de viagem uma composição figurada para esse país descrito exótico e ainda paisagístico.

A obsessão pela origem o que traz consigo? Possíveis romances familiares. Alguns imensos, em vários tomos. Árvores, genealogias insaciáveis, com raízes firmes e em contínua, vertiginosa, multiplicação de ramos exemplares. Alguns menores possíveis de cortes abruptos, fins de linha ou linhas duplas. [...] Também possíveis histórias de desenvolvimento individual, romance de aprendizado. Ainda aí, imagem vegetal – semente, fruto – enlaçada à árvore familiar, ao reiterado jogo de espelhos entre biografia e biologia, à mão única socialmente prefigurada para o aprendizado, o amadurecimento. (SUSSEKIND, 1955, p.11)

Já *Sérgio Buarque de Holanda*, precursor das idéias de composição do Brasil não analisado em seu *Raízes do Brasil* (1936) relata uma construção social e historiográfica para ler nossa constituição cultural através de imagens descritas. Holanda, preocupado em analisar nossa herança colonial, compreendeu a formação da cultura nacional por meio de sentimentos e relações pessoais que destacavam o homem brasileiro aos olhos dos outros povos. As diversas reflexões sobre a identidade nacional manifestadas na obra de *Holanda* classificam o texto como instrumento para a compreensão da nossa realidade e vem confirmar certo compromisso da intelectualidade brasileira de traçar uma interpretação geral do país. O maior interesse do autor consiste na idéia de definir o Brasil, o brasileiro e a identidade nacional ao examinar possibilidades, direções e limites dessa civilização, motivo pelo qual afirma no parágrafo de abertura de *Raízes do Brasil*: “[...] somos ainda uns desterrados em nossa terra”.

Outro ensaísta, *Silviano Santiago*, em *As raízes e o labirinto da América Latina* (2006), se debruça sobre os escritos de *Sérgio Buarque de Holanda* para construir sua narrativa, na década de 70, pensando questões que o próprio título do livro elucidava. O autor  
DAPesquisa, Florianópolis, v.2, n.4, p. 229-233, 2007.

levanta reflexões críticas detalhadas e manipula uma invasão, também poética, a esse universo de nossas raízes e o labirinto intrínseco que se encaixa a América Latina num tempo globalizado. Porém toda essa narrativa de *Santiago* é atravessada por outro texto produzido pelo próprio em 1978: "*O entre-lugar do discurso latino-americano*", que se encontra no livro *Uma literatura nos trópicos*. O autor ressalta que está no *entre-lugar* quem se nega a adotar o discurso e a identidade do outro como seu, mesmo sabendo que estes serão de certa forma “criados”.

*Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, ali nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.* (SANTIAGO, 1978, p.28)

E assim os modernistas se encaixam nesse *entre-lugar* no discurso em que se encontram. Por um lado não gostariam de ser aquelas mesmas coisas que já foram “os estrangeiros” e por outro, sabem que precisam buscar nas suas raízes mais íntimas suas concepções de base. Aí nasce um dilema: vão ao âmago das percepções do que é a sua origem e história, trazendo a tona o parente índio e o que foi sua cultura em confronto com o homem branco quando em face deparados, criando assim um referencial inovador da própria narrativa.

Por sua vez, os movimentos vanguardistas brasileiros seguintes à *Semana de 22*, também trazem consigo a idéia modernista de inovar o pensamento artístico nacional. O *Concretismo Brasileiro* nos anos 50, o *Neoconcretismo* na década de 60 e seus desdobramentos nos anos seguintes<sup>7</sup> consolidaram um modo inovador de fazer arte no país, um modo que não se encontrava em catálogos estrangeiros. Porém, como na ruptura modernista de 1920, os movimentos vanguardistas em geral carregam a premissa de uma arte elucidativa, explicativa. Seus representantes criam concepções, discutem e escrevem sobre seus ideais e não as deixam de publicar num jornal de grande circulação.

---

<sup>7</sup> Dois movimentos de concepção altamente nacionais: pelo novo código construtivo dos artistas de São Paulo e principalmente pela vertente do Rio de Janeiro com Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape e outros, onde se criou uma nova concepção de arte. “*O neoconcretismo estabeleceu a crise da representação no plano bidimensional e um novo estatuto da obra de arte. [...] mas foi no texto ‘teorias do não-objeto’, de Ferreira Gullar, [...] que um olhar mais amplo sobre as pesquisas poéticas dos artistas neoconcretos e um anúncio da questão do objeto forma vitais para se entender os anos 60 na arte brasileira e suas relações com a sociedade. [...] O objeto trazia, implicitamente, uma nova posição do espectador no acionamento de seus significados e a ‘participação do espectador na obra de arte’ [...]*” In: REIS, Paulo R. O. *Arte de Vanguarda no Brasil: os anos 60*. RJ. Jorge Zahar Ed. 2006.

Isto gera uma interrogação presente aos educadores, produtores e artistas contemporâneos: refletindo a possibilidade em nosso país de ainda hoje desvincular o objeto artístico ou a teoria da arte, da produção simultânea de espectadores e leitores numa nação que ainda não achou suas raízes, nessa mesma que está no *labirinto* intrínseco de sua própria história e que se re-significa a todo o momento.

Assim, dentro de um ritual *Antropofágico* de assimilação e recusa, dentro desse estado de *entre-lugar* que cita *Silviano Santiago*, o modernismo brasileiro cria um projeto estético estritamente relacionado à idéia de uma preocupação formativa e pedagógica que deixa rastros para as próximas divagações, porém deixando o gancho para estas serem sempre em torno das questões nacionalistas.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropófago**. In: Revista de Antropofagia, Ano 1, Nº 1, maio de 1928.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1936). **Raízes do Brasil**. SP. Companhia das Letras. 2006.

REIS, Paulo R. O. **Arte de Vanguarda no Brasil: nos anos 60**. RJ. Jorge Zahar Ed. 2006.

SANTIAGO, Silviano. **As raízes e o labirinto da América Latina**. RJ. Rocco. 2006

\_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos** - Ensaio sobre dependência cultural. SP: Debates. 1978.

STADEN, Hans (1557). **Viagem ao Brasil**. Coleção a Obra-Prima de cada autor. SP. Martins Fontes. 2006.

SUSSEKIND, Flora (1955). **O Brasil não é longe daqui**. SP. Cia das Letras. 1990.